

Olá boa tarde. Deixem-me começar pelos agradecimentos. Primeiro aos nossos anfitriões, à UCCLA, União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, na pessoa do seu representante, João Laplaine Guimarães: muito obrigado por nos acolherem.

Saúdo os meus companheiros participantes nesta sessão, o Eurico Neto que acabou de falar, o meu tão poético amigo Nicolau Santos e o Justino Pinto de Andrade, a quem faço uma vénia, pelo que ele deu, de corpo e alma aos ideais de independência e de dignidade humana que à ideia de independência devem estar associados.

Agradeço também à Associação dos Antigos Alunos do Liceu, o convite que o Eurico Neto e o Anibal Russo me fizeram, para ser um dos oradores, e que só é explicável pela bondosa amizade com que o Eurico e o Aníbal me brindam. Tentarei não os desiludir e não vos desiludir.

E sobretudo quero, mais do que agradecer, saudar a vossa presença, a presença da malta do Liceu:

*Viva a malta do Liceu
Viva a Malta sempre fixe
Quem não pensa como eu
Que se mate ou que se lixe.*

Mas vamos começar por onde as coisas devem começar, pelo mais importante, pelas coisas essenciais. O Liceu Salvador Correia é o liceu mais bonito do mundo. Eu sentir-me-ia obrigado a repetir esta afirmação, para vos convencer, se ela tivesse um carácter ideológico ou um grão que fosse de subjectividade. Não é o caso.

Ser o Liceu Salvador Correia o mais bonito do mundo é um facto científico, ditado pelo meu estudo e observação directa de todos os liceus do mundo. Não há nenhum que se lhe compare, que lhe chegue sequer aos calcanhares, sabendo-se ainda por cima, que nem o Liceu, nem Salvador Correia eram lá muito de ter calcanhar de Aquiles.

E agora que já estabelecemos o dado científico de partida, a única e inultrapassável beleza do nosso Liceu, que é a Vénus de Botticelli de todos os liceus, deixem-se ser emotivamente subjectivo.

O Salvador Correia foi o meu liceu. Que eu servi e que tão bem me serviu a mim, por sete anos, os mesmos anos que, ensinou-nos Camões, Jacó serviu a Labão, por amor à serrana bela que era Raquel, a filha de Labão. Também os meus sete anos de Liceu foram sete anos de amor.

Ora, eu só acredito no amor à primeira vista e quando, com dez anos de idade, cheguei aos celestiais portões de ferro da então Brito Godins, cáí logo para o lado, a pingar amor. Estava lá em cima o Liceu, aquelas duas grandes alas norte e sul, de braços abertos, a dizerem-me, não tenhas medo, vem, “sê

grande”. “Sê grande”, era isso o que a escadaria do Liceu me dizia, logo a mim, tão pequeno, tão cambutinha.

E havia, muitos de vós lembrar-se-ão muito melhor do que eu, havia duas sucessivas escadarias, uma, primeiro, logo a seguir aos portões, a outra mais curta antes das majestosas colunas de entrada.

Essas duas escadarias, cada uma à sua maneira, estavam sempre a dizer-nos, “sobe mais um degrau”, “sobe mais um degrau”.

Tenho a certeza de que muitos de vós estão agora a lembrar-se de ter ouvido essa voz do Liceu, porque o Liceu falava e era polígamo e poliândrico, tanto me amou a mim, como nos amou a todos, rapazes e raparigas, um a um.

Faço um parêntesis para dizer que não pretendo, nem quero fazer, uma análise histórica, política ou sociológica do que foi o papel do Liceu Salvador Correia. Venho falar de uma perspectiva subjectiva e, por isso, tenho de falar um pouco de mim, para se perceber a secreta paixão assolapada que me deu ao ver o Salvador Correia.

Um dia de 1959, o paquete Vera Cruz atracou ao Porto de Luanda e, entre malas e fardos, saí também eu, um miúdo de cinco anos, agarrado às saias da minha mãe. Do porto fui para a minha primeira morada em Luanda, no musseque Sambizanga, numa rua, se assim lhe podemos chamar, de terra vermelha e charcos, rua que ia da Casa Branca e entrava musseque dentro. Era lá que o meu pai tinha já arranjado casa.

Os sociólogos dirão que nos musseques não havia brancos, a não ser os fubeiros. Não é o caso do meu pai e da minha mãe que nunca venderam coisíssima nenhuma a ninguém.

Éramos mesmo e só moradores. Fomos morar para o Sambilas porque foi a casa de tijolo possível, com luz e água, para os recursos paupérrimos que tínhamos. O meu pai tinha então uma motorizada e um bandolim. E foi assim que eu comecei a ser feliz em Angola.

Da mesma forma, frequentei a Escola Primária da Missão de São Paulo, dos padres capuchinhos, em cuja população estudantil eu era então um dos raros miúdos brancos.

Aos oito anos, uns bons meses depois do 4 de Fevereiro de 61, tendo o meio de transporte da família mudado de uma ranhosa motorizada NSU, para uma pujante moto BSA, em segunda ou terceira mão, os meus pais levaram-me para a Vila Alice.

Ainda as ruas não eram asfaltadas, e fui morar numa rua em que viriam a ensaiar os Negoleiros do Ritmo, a rua Alberto Correia, onde morava o velho Benje, Pedro Benje, que foi um dos primeiros mortos nos confrontos raciais pós 25 de Abril. Essa rua, vamos já ver, tem muitas ligações ao Salvador Correia.

Se trago isto tudo à colação, é só para situar o miúdo que, em 1963, pequenino, sorridente e tímido, ou sorridente porque tímido, chegou às portas

do Salgado Correia, pendurado nos seus calções e numa camisinha terylene branca de manga curta. O miúdo, como se pode ver, era um miúdo branco de família pobre.

A par do brio e da educação que os meus pais beirões me inculcaram, o imponente e grandioso Liceu Nacional Salvador Correia foi o que hoje chamamos um “elevador social”, o “meu elevador social”.

O Liceu levou-me ao colo numa aventura de conhecimento, deu-me a conhecer a História e a Geografia, as Ciências Naturais, fortaleceu o meu gosto pela leitura, deu-me um banho de moral, abriu-me o apetite à reflexão e ao pensamento, e acima de tudo abriu-me os olhos à beleza, dando-me um sentido de estética, de equilíbrio e harmonia, que considero o maior legado que trouxe do Liceu.

Por culpa minha, fui o maior desastre a matemática e por culpa dos meus genes, o desenho e o canto coral do liceu mostraram-me que qualquer tentativa de seguir carreira artística estava condenada ao mesmo falhanço humilhante porque passou o secretário de estado americano da defesa, Donald Rumsfeld, quando quis publicar poesia.

Mas para vos contar tudo isto, para vos mostrar a minha dívida ao nosso Liceu, deixei-vos ficar pendurados na escadaria. Vamos entrar. Ainda não passámos pelas portas grandes, ainda não passámos o átrio com a secretaria, nem desembocámos, enfim, no fantástico corpo interior, nesses claustros que, felizmente não eram claustros de santidade, mas sim claustros de vida.

Acho que ninguém tem vocação para santo. Só se vai para santo depois de se falhar a vocação para se ser pelo menos um bom diabinho. E o nosso liceu foi também, pelo menos em parte, o projecto de um “Lúcifer da educação”, Monseñor Alves da Cunha. Foram muitos e ínvios os caminhos da santidade que criaram o Salvador Correia.

Por falar de claustros, no primeiro dia de aulas, havia uma praxe, fazer-se uma careca de frade a cada caloiro. Como se entrássemos no mosteiro. Ou seja, antes de entrarmos no mosteiro, raparem-nos a careca era o nosso último canto profano, mais gentil do que grosseiro, a nossa macia *carmina burana*. Depois entrávamos: e o liceu transformava-se num mosteiro do conhecimento, de experiência e de vida, com uma única devoção, a de sermos muito melhores.

Mas era um mosteiro com jacarés. Se bem se lembram, no nosso liceu virado para o Atlântico, apontado a Oeste, havia dois pátios. Quem via um quase via o outro — mas só num, no pátio norte, o da sala dos professores, havia o tanque dos jacarés. E quando digo jacaré, digo mesmo jacaré, espécie crocodiliana de boca grande, olho de cachucho, o bicho que olha de lado.

Os seres humanos comuns, que nunca tiveram a felicidade de pôr um pé no Salvador, não acreditam nisto. E há colegas nossos que já começam a pensar que os jacarés são uma fantasia, uma cena da memória a pregar-nos uma partida. Mas não! Estavam lá, existiram. Há quem diga que era só um, mas eu acho que eram dois, e aí sim, já receio que a memória me esteja a tirar o tapete.

Seja como for, na varanda do primeiro andar sobre esse pátio do jacaré, a uma parva insinuação dos meus 13 ou 14 anos, uma menina de olhos azuis agarrou-me na mão, pôs-me sobre o já esférico peito dela e disse-me que por mim só nutria sentimentos maternos.

Por isto e pelo jacaré bem se vê como o nosso liceu era avançado.

E agora, é altura de entrarmos numa das salas de aula.

Bem preparado pela minha professora primária Emília, da escola da Missão de São Paulo de que já vos falei, comecei o liceu no distinto quadro de honra, mas o segundo ciclo, com aquele sobressalto hormonal que dá a volta ao nosso físico de rapazes, somado ao desastre que foi a minha relação com a matemática, mudou tudo.

Ora, eu acho que essa mudança começou num episódio com uma certa figura lendária. Perdoem-me tratá-la assim, e eu sublinho já que o faço com carinho, a figura lendária era a professora Joana Bocarra, a professora Maria de Lurdes.

Vejamos, a professora Joana Bocarra entrou na sala. Levantámo-nos todos, como os preceitos de boa educação nos ensinavam e eu levantei-me também, claro, mas já a esconder-me numa das carteiras do fundo para evitar chamadas ao quadro, como quem foge com o rabo à seringa. A professora Joana lança um olhar de fogo à sala, e abre-se-lhe a temida boca num berro, dedo apontado na minha direcção: “O menino lá atrás porque é que não se levanta”. Ora eu, caramba, já estava tão de pé quanto se podia estar.

A minha fantástica altura foi sempre um motivo de grande animação, a começar pela primeira aula de Religião e Moral, com um padre que tinha acabado de chegar dos Estados Unidos e que nos incitava à igualdade de classe dando o exemplo dos filhos dos generais americanos que nas férias trabalhavam a distribuir jornais ou a vender cachorros quentes. No primeiro dia, olhou para mim e baptizou-me. “Tu és o Pica-Miúdo”, comparando-me com uma célebre figura de Coimbra, o Pica, que andou dez anos ou mais para fazer o curso na Universidade. E fiquei Pica-Miúdo, e depois só Pica, o que me trouxe uma imerecida e injusta fama quando, para se fumar um coche de liamba, se passou a dizer “vai uma pica, meu!”

Mas não foi este padre, que eu julgo chamar-se Fernandes, e que teve passagem efémera nesse meu primeiro ano, o professor que me marcou. Até para fazermos ligação com a minha instabilidade hormonal dos 12 anos, deixem-me falar da professora Mimi.

Foi a minha professora de inglês e única professora de inglês que eu tive. A mim marcou-me mais do que a qualquer outro aluno do liceu, porque ela morava na minha rua, que já entretanto se asfaltara e começava, lindamente, a aburguesar-se.

De 1965 a 1968, passei três anos de olhos postos na professora Mimi. Para mim, ela incarnava tudo o que de moderno havia nesse tempo. Melhor, incarnava o que que ainda nem havia nesse tempo.

Só mais tarde, quando vi o filme *Blow-up*, de Michelangelo Antonioni, é que percebi que eu tinha estado de olhos postos, durante três anos, na esplêndida linha de pernas que marcou a *swinging London* de 68, a linha de pernas de modelos como a Jane Birkin.

A professora Mimi, minha vizinha de rua, guiava um Triumph azul descapotável e a sua chegada ao liceu era aguardada e saudada com o mesmo bruí de contentamento e espanto estético que, hoje, o turista dedica à Acrópole ou ao Louvre, em Paris.

Devo à professora Mimi o gosto pelo inglês e, sobretudo, pelo cosmopolitismo, de que sou um convicto adepto.

Na minha rua, depois da professora Mimi se casar – e eu, de coração aflito, vi-a sair de vestido de noiva – veio morar a professora Laura, que viria a ser a minha professora de alemão.

O que subi e desci a minha rua, com uns patins que então tinha comprado, acima e baixo, para ter um vislumbre do saber magistral da excelente professora que ela era.

E deixem-me falar brevemente de meia-dúzia de colegas. Dos anos juvenis do liceu, recordo o Carlos Fernandes, o Bazófiás, maravilhoso e delirante contador de histórias, que está agora na Câmara de Sintra. Com ele e o mano mais novo dele, o Jorge, fiz, anos e anos, o caminho do liceu à Vila Clotilde.

Também partilhei aquelas carteiras de dois lugares, com o Bito, o Álvaro Pacheco dos Santos, que foi director da Cinemateca de Luanda e adido cultural de Angola no Brasil, e com quem mantive contacto até ele falecer, e com o António Henriques, que eu julgo ter chegado a ministro das finanças ou economia de Angola nos anos 80, e que tinha a caligrafia mais bonita e perfeccionista que vi em dias da minha vida. A ele é que, infelizmente, nunca mais o voltei a ver, embora julgue que está são e salvo.

Nos meus últimos anos de liceu, na alínea E, numa turma que juntava Direito e História, os meus colegas mais famosos ou populares foram a Paula Pena, tão prematuramente falecida, e o Edgar Valles, irmão da Sita e do Ademar, cuja tragédia conhecemos e cujo ciclo de luto se espera que Angola faça, em breve, com justiça.

O Edgar, felizmente, está vivo e é, hoje, um jurista prestigiado, vereador na câmara de Odivelas. Dessa turma faziam também parte o Redinha, o mano mais velho, filho do famoso antropólogo; um descendente de Eça de Queiroz, primo do bisneto António Eça de Queiroz, meu grande amigo; o charmoso Cid Belo, amigo que não vejo há anos; e o Luis Azevedo, que trouxe a primeira Playboy.

A revista era impressa num couché tão suave, que passávamos horas a analisar o índice de mão do papel, fugando a algumas aulas, ali à sombra da estátua do poeta Tomás Vieira da Cruz, na rampa do liceu. É possível que o velho e sério Tomás Vieira da Cruz tenha, uma ou outra vez, arregalado os olhos com certas imagens que via.

Desses dois anos finais, emerge uma professora que foi, para mim, como no 5º ano já o tinha sido um professor de português, o excelente professor Montenegro, marcante para a minha ideia de cultura e pensamento e para a minha escrita. Estou a falar da professora Vera Gil, que nos deu, no 6º e 7º anos, literatura, com uma exigência mas também com uma emoção estética que converteram os meus 16 e 17 anos ao deslumbramento que é a leitura.

À professora Vera Gil devo a primeira percepção de que a literatura, a poesia e o romance, a crónica, são, antes de mais, emoção. E, depois de serem emoção, são também saber, um saber que se confronta, na forma íntima que é a leitura, com a diversidade da experiência humana.

E aprendi que, se dependêssemos apenas da experiência da vida jamais teríamos, em diversidade e proximidade, o que a literatura nos oferece. A leitura é emoção estética, é saber e é experiência de vida, esta foi uma das lições do meu liceu.

O Liceu Salvador Correia era um liceu de Luanda e Luanda era, então, a capital de uma colónia portuguesa, Angola. De 63 a Junho de 70, os anos em que o frequentei, esse liceu, que depois da independência se passaria a chamar Mutu ya Kavela, era frequentado maioritariamente por alunos brancos, se bem que fosse crescente a frequência de alunos mestiços e negros.

Eu vinha, como já disse, de uma escola em que o pingo de leite que eu era, constituía uma imensa minoria. E ainda tinha, dos oito anos, ecos do meu triénio no Sambilas.

Mesmo nos arredores da Vila Alice, a minha frequência do São Domingos, cinema da igreja Nossa Senhora de Fátima, também dos padres capuchinhos, tinha-me habituado a ser minoria. O liceu foi o primeiro sobressalto à normalidade demográfica da maioria negra.

Julgo que vivi essa clamorosa discrepância com inocência, dos 10 aos 15 anos, a inocência dos factos consumados que não nos lembramos sequer de interrogar. A turma do 6º ano, com o Edgar Valles e a Paula Pena, ajudou-me, aos 16 anos, ao primeiro bocejo e espreguiçar de despertar político.

Lembro-me de termos feito uma greve silêncio nas aulas de religião e Moral. Lembro-me de integrar com o Edgar Valles e mais dois colegas – e julgo que devo ter ido como mascote – uma comissão que foi contestar uma coima e outras punições que o professor Lucas, então reitor, nos aplicou por danos provocados a carteiras com inscrições a canivete e a estátuas de gesso da bela sala do nosso 6º ano.

O que nós lhe dissemos no gabinete de reitor em que nos recebeu, mereceu-lhe um despacho lido em todas as salas de aula, e cujo espírito era mais ou menos este: “Vieram ao meu gabinete quatro manjericos, feitos anjinhos, a protestar inocência no vandalismo das carteiras e estátuas de gesso...” e continuava por aí adiante. Julgo que fomos poupados a punições, substituídas por trabalho de limpeza às peças danificadas.

Eu regressava do liceu a pé para a Vila Alice. Nos anos em que as aulas eram à tarde, regressei muitas vezes, fazendo eu e mais dois ou três, companhia ao nosso célebre Videira, que depois continuava, a pé, em direcção, julgo eu, ao musseque onde vivia.

Não quero, nem seria admissível, tirar qualquer ilação política dessas caminhadas, mas conversar e caminhar ao lado do Videira consolava a minha alma idealista que desejava então, e deseja ainda hoje, felizmente, termos um mundo perfeito. Noutra coisa, continuo na mesma, não sabia então como é que se convertia o mundo, num mundo perfeito, e continuo hoje sem saber. Com uma pequena diferença, aprendi com os meus próprios erros, a temer os que sabem como fazer um mundo perfeito.

O Liceu Salvador Correia não era um mundo perfeito, mas era um pequeno universo com vida própria. Retenho o valor essencial desse pequeno universo: a tolerância.

O espaço físico do liceu Salvador Correia ajudava. Ora lembrem-se lá comigo.

Havia o inesquecível balcão da cantina, a que, na primeira vez a que lá cheguei, pedi ao Videira um jesuíta e uma coca-cola, pagando-o com o primeiro dinheiro de mesada, e sentindo que tinha aos 10 anos chegado a adulto.

Tínhamos os campos de jogos, o rink de hóquei e de andebol, o campo de basquete, os campos de ténis em que só se jogava futebol e onde vi um dos nossos colegas apanhar a bola em chulipa, passá-la sobre mim e continuar a correr, bola controlada, deixando-me completamente buelo, como se dizia no meu bairro: “Ficaste buelo, então”.

E a seguir havia as barrocas. As que estavam depois do campo de basquete, eram enormes, com uma mata, terreno aberto a verdadeiras batalhas campais e a outras aventuras.

Havia a torre com o sino e o relógio e o ninho de corvos sobre o ginásio de que era imperador o nosso professor de educação física, o professor Ramalho, senhor absoluto daquela ala. Por causa do amor que ele tinha ao ginásio, e para não vir para os campos exteriores, juntava à ginástica uns jogos de futebol de salão em que as balizas eram as caixas de base dos plintos. Esse jogo tinha as regras mais estranhas que alguém poderia inventar, dois atacantes e dois defesas, cada um com áreas territoriais proibidas.

Havia a extraordinária biblioteca, onde pela primeira vez li o livro que eu julgava o mais proibido, *O Crime de Padre Amaro*, local excelso de leitura, mas

também por vezes de furtivo e doce contacto com os joelhos e as pernas de algumas colegas.

E havia, acima de tudo, uma imensa liberdade física. Era essa a grande alegria do nosso liceu. A maior explosão era o último dia de aulas, com a queima dos cadernos e a queima do boneco de trapos, metáfora do ano que acabáramos de vencer.

À sombra do painel do Império, vi atirar as primeiras pedras à polícia, em dia de encerramento do ano lectivo. As mesmas mãos que atiravam pedras eram as mãos que queriam e iam, cheias de enlevo e doçura, assinar o nome nas batas brancas das colegas do liceu, outro dos rituais de fim de ano escolar. Sei lá porquê, queríamos sempre assinar sobre o seio de mel ou sobre a coxa de canela.

Essas meninas eram tão nossas que se um estranho as abordasse, logo diríamos “Ó meu, larga o osso que não é teu, é da malta do liceu”.

E acabo como comecei, com o essencial. O Liceu Salvador Correia, comemora agora cem anos da sua criação. O edifício de 1942 foi recuperado com carinho pelo estado de uma Angola independente. Chame-se Salvador Correia, Mutu ya Kevela ou só Liceu de Luanda era e é o liceu mais bonito do mundo.

É impossível não sermos tocados pelo esplendor do seu Salão Nobre, pela biblioteca, pelos claustros e pelos azulejos, pelos jardins e pela escadaria, pela nobre mangueira sobre a Brito Godins.

Essa beleza dignifica o que de melhor a humanidade já fez, criar saber e transmitir saber. Chegámos a esse nosso liceu crianças de dez anos, saímos de lá quase homens ou mulheres de 17 anos. Rimos como uns doidos, chorámos baba e ranho, tivemos momentos de frustração e êxtase e foi isso que fez de nós os seres humanos que somos.

Hoje, nesta nostálgica tarde de Fevereiro, cai sobre nós uma onda, uma calema de saudade. Fechamos os olhos, e eu peço que fechem os olhos, a voz do Videira, o seu canónico “não sabem esperar” entra-nos pelos ouvidos como música de fundo, e voltamos a ver aquela imensidão, a rampa, as escadarias, os campos, a fachada, o torreão e o casal de corvos e sabemos que esse passado, esse passado tão bonito e tão jovem, não voltará. Nunca mais.

O liceu, a Mimi, a Vera Gil, o reitor Lucas, os nossos calções curtos, o calor e a liberdade juvenil, a colega de olhos azuis, nunca, nunca mais.

Cito a tradução que Fernando Pessoa fez do poema *O Corvo*, que Edgar Allan Poe escreveu a pensar, estou certo, nos corvos no nosso Liceu:

*Minha solidão me reste!
Tira-te de meus umbrais!
Tira o vulto de meu peito
e a sombra de meus umbrais!”
Disse o corvo, “Nunca mais”.*